

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS**

**PAULA CAROLINA BEHS**

**DesDOBRAndo O ORIGAMI NO CONTEXTO DA LINGUAGEM DA ARTE**

**CRICIÚMA**

**2013**

**PAULA CAROLINA BEHS**

**DesDOBRAndo O ORIGAMI NO CONTEXTO DA LINGUAGEM DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Angelica Neumaier

**CRICIÚMA**

**2013**

**PAULA CAROLINA BEHS**

**DesDOBRAndo O ORIGAMI NO CONTEXTO DA LINGUAGEM DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, 27 de Novembro de 2013

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Angelica Neumaier – Especialista em Ensino da Arte (UNESC) - Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Odete Angelina Calderan – Mestre em Artes Visuais - (UFSM)

Prof.<sup>a</sup> Izabel Maria Duarte – Especialista em Ensino da Arte - (UNESC)

**Dedico primeiro a DEUS, que me deu forças para ter fé e sempre seguir em frente, meu FILHO que me dá alegrias todos dias, meus PAIS por toda paciência e confiança que em mim depositaram nessa jornada final de estudos. E principalmente a minha querida PROFESSORA Angélica Neumaier pela orientação e conselhos artísticos de tantos anos de caminhada dentro da universidade.**

## AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim de uma jornada como esta e não agradecer a quem sempre me apoiou seria uma vitória sem valor.

Agradeço a DEUS pela fé que me impulsiona toda vez que acho que não terei forças para continuar.

Agradeço a meu filho João Victor que todos dias me presenteia com seu sorriso celestial, mostrando o melhor lado da vida o amor reDOBRAdo de ser mãe e sentir-me um ser humano completo.

Aos meus pais e a minha irmã, que mesmo muitas vezes errando como filha, sempre me apoiaram nos melhores e piores momentos da minha vida, mostrando que posso vencer e na derrota posso aprender a levantar e seguir em frente novamente.

Aos amigos, são tantos a serem citados, que fico com medo de deixar algum de fora, que me limito a agradecer cada um pessoalmente com abraço e calor humano, que nesse momento creio não existir palavras que contemplem o que sinto realmente.

Aos silenciosos que torceram em silêncio por mim, e de uma forma especial mostraram-se importantes nessa trajetória.

Aos distantes, que mesmo longe tornaram-se próximos nos momentos que precisei e achava que estava sozinha.

Quero finalmente agradecer a Angelica Neumaier, que já no próprio nome mostra o anjo que é com seus alunos. Com você aprendi que ser professor vai além do conhecimento, mas sim, o amor que move cada um a ser o diferencial na vida de seu educando.

E agradeço a mim, que nesses anos aprendi a ser mãe, vencer a depressão e agora uma futura professora.

**“... é a dobra que se multiplica ao infinito, em suas extremidades; que vai da matéria a alma, tornando indiscernível o limite entre o sensível e o inteligível.”**

**Deleuze apud Souza Filho (2009, p.22)**

## RESUMO

A presente pesquisa insere-se na linha Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura e propõe a busca do conhecimento sobre Origami (técnica de dobradura japonesa) e suas possibilidades como linguagem artística no contexto de sala de aula. A proposta partiu do seguinte problema: A técnica do origami pode ser utilizada em sala de aula como linguagem? Com objetivo de entender o Origami e suas variações além da técnica e suas possibilidades como linguagem artística na contemporaneidade. Para isso, discorro sobre arte e arte contemporânea, o ensino da arte no Brasil, analisando a linguagem e a linguagem artística em sala de aula, Origami, seu conceito, história, simbologia e lendas, pensando o Origami na educação e como linguagem artística. Revisito os “bichos” de Lygia Clark e dialogo com as instalações da artista francesa Mademoiselle Maurice. Para realizar esta pesquisa foi proposto uma oficina com abordagem qualitativa através “de espaços de narrativa” com os acadêmicos da 4º fase do curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC, evidenciando que o Origami tem seu espaço como linguagem artística para ser proposta em sala de aula.

**Palavras-chave:** Arte, Educação, Origami, DOBRAR, Linguagem.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 2 Foto de Sadako Sasaki .....	27
Figura 3 Representação <i>Tsuru</i> Dourado ofertado a Sadako .....	28
Figura 4: Estátua de Sadako Sasaki - Japão .....	28
Figura 5 - Diagrama Catavento .....	29
Figura 6 Foto Lygia Clark .....	32
Figura 7- Bicho de Bolso, 1961 .....	33
Figura 8 Bicho Caranguejo, 1960.....	34
Figura 9: Artista Mademoiselle Maurice (s/d).....	35
Figura 10 Detalhe Obra (s/d).....	36
Figura11 Street Art 3 Mademoiselle Maurice– Marselha (s/d).....	36
Figura12 Street Art Mademoiselle Maurice– Marselha (s/d) .....	37
Figura 13 Street Art Festival Junho 2013 - ARTAQ.....	38
Figura14 Street Art Mademoiselle Maurice (s/d) .....	38
Figura 15 Transcorrer da Oficina - 2013 .....	43
Figura 16 Oficina- 2013.....	43
Figura 17 - Acadêmicos durante oficina, em 20 de outubro de 2013 .....	44
Figura 18 TSURU.....	58
Figura 19: Cata-Vento .....	59
Figura 20: Peixe .....	59



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>TCC</b>	Trabalho Conclusão de Curso
<b>UNESC</b>	Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	<b>13</b>
<b>3. DOBRANDO E ENTENDENDO ARTE E A ARTE CONTEMPORÂNEA</b> .....	<b>14</b>
<b>4. ENSINO DA ARTE NO BRASIL: CONCEITOS E DOBRAS HISTÓRICAS</b> .....	<b>18</b>
<b>5. ENTENDENDO E DOBRANDO A LINGUAGEM</b> .....	<b>21</b>
5.1 A LINGUAGEM ARTÍSTICA EM SALA DE AULA .....	23
<b>6. DESDOBRANDO O ORIGAMI : CONCEITO E HISTÓRIA</b> .....	<b>24</b>
6.1 O ORIGAMI E SUA HISTÓRIA .....	24
6.2 SIMBOLOGIAS E LENDAS SOBRE O ORIGAMI .....	26
6.3 LENDA DE SADAKO E OS 1000 <i>TSURUS</i> .....	27
5.4 ORIGAMI E EDUCAÇÃO .....	29
6.5 O ORIGAMI COMO LINGUAGEM EM SALA DE AULA.....	31
6.6 LYGIA CLARK (1920- 1988): UM DESDOBRAMENTO DIFERENTE.....	32
6.7 A ARTISTA MADEMOISELLE MAURICE .....	35
<b>7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>39</b>
<b>8. PROJETO DE CURSO</b> .....	<b>46</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>51</b>
<b>APÊNDICE(S)</b> .....	<b>54</b>
<b>APÊNDICE - A</b> .....	<b>55</b>
<b>APÊNDICE- B</b> .....	<b>56</b>
<b>ANEXO(S)</b> .....	<b>58</b>
<b>ANEXO - A</b> .....	<b>58</b>
<b>ANEXO - B</b> .....	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na vida encontramos tantos desafios a serem superado, um deles é encontrar qual profissão seguir.

Durante muitos anos de minha vida, procurei algo em que me identificasse, passei por diversas barreiras e aos poucos fui descobrindo minha paixão pela Arte.

Senti então a necessidade de tê-la em minha vida para assim poder partilhá-la, dessa forma cheguei ao entendimento que teria que cursar licenciatura.

Nesse processo universitário passei por inúmeras linguagens artísticas, podendo vivenciar cada uma delas de forma diferente e encontrando as quais me encontrasse

Passei por momentos de confusão e autoafirmação pensando se realmente era esse meu destino o de ser professora, na qual todo graduando tende a passar, mas quando entrei em sala de aula pela primeira vez percebi que tinha feita a escolha certa.

Nos planejamentos que fazia para minhas aulas, me aproximei muito da técnica de origami que utilizei como terapia durante muitos anos.

O Origami se tornou presente em tudo que fazia, desde quando estava no ônibus, na sala de aula em qualquer lugar, lá estava eu dobrando pequenos papéis, o desejo por conhecimento sobre a técnica foi cada dia mais aflorado, buscando novas dobraduras, contextos históricos, tornando-se parte de mim.

E agora na reta final na qual me encontro na conclusão do curso de graduação deparei-me com algumas inquietações, analisando se origami é apenas uma técnica, e se professores a utilizam com fins para ampliação de repertório ou decorativos.

Dessa forma o problema da pesquisa é: **A técnica do origami pode ser utilizada na sala de aula como linguagem artística?**

Como o objetivo busco entender o Origami e suas variações além da técnica. E por meio de uma oficina os acadêmicos do Curso Artes visuais –

Licenciatura UNESC, oportunizar a experiência e desmistificar as dificuldades do processo do fazer em uma oficina denominada *espaços de narrativas*<sup>1</sup>.

Para isso delimito também o aprofundamento sobre a linguagem por pesquisa bibliográfica, (na qual procuro seu contexto artístico e por fim busco compreender o Origami como possibilidade de conhecimento artístico cultural em sala).

Com auxílio das bases teóricas dos autores: Canton (2009), Martins (1998), Genova (2001), Brill (1988), Santos (2006), Borba (2006), Oliveira (2008), Cocchiarale (2006) Filho (2005) Rosenthal (2013), Read (1983), Fritzen (2008), Honorato (2008), Costa (2004) e Documento Norteador do PCN (2000). Procuro a relação além da técnica e suas possibilidades na interdisciplinaridade como nas aulas de matemática e geometria espacial. DOBRANDO e desDOBRANDO significações nas quais se formos pensar como Deleuze apud Souza Filho (2009 p 22) [...] é a dobra que se multiplica ao infinito, em suas extremidades; que vai da matéria a alma, tornando indiscernível o limite entre o sensível e o inteligível. Ao DOBRAR o que o origami é capaz de oferecer entramos em um aspecto contemporâneo de (re)significação. Nesse TCC iremos juntos redobrar como objetivo os conceitos do Origami e assim entender suas possibilidades desDOBRANDO o limite entre a técnica e a linguagem.

Dividido em capítulos nos quais primeiramente com bases teóricas fundamento arte e arte contemporânea, ensino da arte no Brasil e breve histórico, passando pelo ensino em sala de aula, chegando a linguagem e assim DOBRANDO o Origami e suas possibilidades para finalizar a pesquisa e seus resultados nas considerações finais.

DesDOBRAREMOS nesse trabalho fruto desta pesquisa e inquietação pessoal uma breve introdução, peço vá DOBRANDO e guardando conceitos sobre o origami em um infinito particular para chegar livre em desDOBRAR um algo novo e contemporâneo dentro de suas possibilidades sem pré-conceitos.

---

<sup>1</sup> Nome dado por Honorato em seu texto (2008): "A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativas", onde é explorado recolhimento de dados de maneira informal, na qual os participantes não respondem o questionário diretamente, porém por falas no decorrer dos acontecimentos.

## 2. METODOLOGIA

Por intermédio desta pesquisa pretendo suprir indagações desse TCC no qual o problema proposto é: **A técnica do origami pode ser utilizada na sala como linguagem artística?** uma das formas de encontrarmos respostas as nossas dúvidas e a de terceiros, que segundo Silva (2001)

Pesquisa é um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. A pesquisa é realizada quando se tem um problema e não se tem informações para solucioná-lo” (p. 20).

Partindo do problema que este TCC explora serão aprofundados os conceitos sobre Origami e suas possibilidades de linguagem artística contemporânea.

Quanto a natureza, esta é uma pesquisa básica focada nos fundamentos na qual segundo Silva objetiva-se gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais (2001 p.20).

Por intermédio de uma pesquisa qualitativa na qual serão analisados as falas dos acadêmicos da 4ª fase de licenciatura do curso de Artes visuais - UNESC, Silva (2001) define que:

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas [...] Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. [...] O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (p. 20).

Com estudos dos dados recolhidos será feita a análise para encontrar o entendimento que os acadêmicos tem sobre o Origami e como a utilizariam em sala de aula.

Sendo assim essa pesquisa será exploratória segundo Gil (1994):

[...]tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis. [...] é realizado especialmente quando tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (p.44)

Para recolher os dados para desta pesquisa, foi utilizado o método de espaços de narrativa, que é proposta por Honorato (2008) apud Fritzen, na qual através de oficina, foram coletadas falas dos acadêmicos, por intermédio de gravação e autorização prévia dos mesmos, para assim serem analisadas e alcançar os objetivos aqui propostos.

Espaços de Narrativas se dá por tratar espaços de troca entre sujeito e pesquisador. Na verdade, eles constituem uma forma diferenciada de ouvir o que, num momento de pesquisa estruturada, não é dito [...] deixam de ser objetos de pesquisa para serem sujeitos dela – mais que isso, tornam-se co-autores das investigações, pois mudam rumos, apontam novas possibilidades, (re)constróem os caminhos previamente pensados.(p.117)

Por intermédio da oficina ReDOBRANDO o Origami na Arte e na Escola, pode-se obter os dados para fundamentar este TCC.

Este trabalho está inserido na linha de pesquisa de Educação e Arte do curso de Artes visuais - Licenciatura – UNESC, com enfoque em educação e linguagens artístico-culturais.

### **3. DOBRANDO E ENTENDENDO ARTE E A ARTE CONTEMPORÂNEA**

Não é de hoje que a definição de arte se torna algo complicado, afinal dentro de um só termo podemos encontrar inúmeros significados é incrível como quatro letras remetem a um ‘universo’ criativo de mistérios e experimentações que segundo Coli (1990, p.7) “[...] se buscarmos uma resposta clara e definitiva, nos decepcionamos: elas são divergentes, contraditórias.”

De certa forma a arte vem sofrendo evoluções de acordo com os períodos históricos na qual a humanidade foi passando, desde o primitivo ao contemporâneo se fez presente na vida das pessoas, Canton (2009, p.13) faz a seguinte reflexão:

[...] ao mesmo tempo que se nutre da subjetividade, há outra parcela da compreensão da arte que é constituída de conhecimento e objetivo envolvido de história da arte da vida, para com esse material seja possível estabelecer um grande numero de relações. Assim, a fim de contar essa história de modo potente, efetivo, a arte precisa ser repleta de verdade. Precisa contar espírito de tempo, refletir da visão , do pensamento, sentimento das pessoas, tempos e espaços.

A autora fala de forma poética que o artista através de sua vivência conta sua verdade, então com passar dos anos a história foi sendo contada com arte com

apoio de registros, “[...] a arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve objetos, discurso local, as atividades de admiração” Coli (1990, p.12), o que vai de encontro com o que Canton afirma anteriormente completando seu ponto de vista.

Feist (1999, p.9) contextualiza que “[...] a arte é um produto da criatividade humana, sendo dessa maneira pode-se entender que existe a necessidade de um impulso criativo”, pode-se dizer que a mesma acontece com uma emoção que sai do racional e mergulha no sentimental. Coli (1990, p.109) também compreende da seguinte forma:

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento de “aprendizagem”. Seu domínio é o não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para aprender o mundo que nos rodeia.

Sendo assim, a arte transcende a razão, tocando direta e indiretamente as pessoas, causando nas mesmas reações diversas. Costa (2004, p.18) complementa que “[...] a arte não está no objeto artístico mas no encontro que este objeto promove entre a subjetividade e compartilhamento da emoção poética”, indo de acordo com os autores citados anteriormente, afirmando a necessidade da emoção e da criatividade perante o fazer artístico. O objeto em si não tem valor artístico, o mesmo tem que estar envolto de um fazer subjetivo, tocando a emoção do artista e do espectador. A arte não isola, um a um, os elementos da casualidade, ela não explica, mas tem o poder de nos “fazer sentir” (Coli, 1990, p.110).

Nesse foco denota-se que a arte valoriza a experiência, o experimentar maneiras de senti-la, Canton (2009, p.13)

A arte nos ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, as coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os criando para novas possibilidades. A arte pode um olhar curioso livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção.

Nesse processo de vivenciar a arte é que podemos assim senti-la, não há limites quando se fala em criar. Martins (2008, p.54), complementa que nesse “desafio” pelo novo a “[...] a linguagem da arte há a criação, construção e

invenção. O ser humano através da forma, também transforma a matéria oferecida pelo mundo, pela natureza e a cultura e transforma em algo significativo.”

READ (1983, p.27), afirma dentro de suas concepções que a arte é perturbadora e pertinente em sua evolução com passar dos tempos, definindo como sendo essa a sua função:

A arte, por outro lado, é sempre perturbadora, permanentemente revolucionária, é isso porque o artista, na proporção de sua grandeza, enfrenta sempre o desconhecido, e aquilo que ele traz de volta dessa confrontação é uma novidade, um símbolo novo, uma nova visão da vida, a imagem externa das coisas interiores. Sua importância para sociedade não é a de expressar opiniões recebidas ou dar expressão clara aos sentimentos confusos das massas: essa função cabe ao político, ao jornalista, demagogo.

Não é função do artista dar respostas à sociedade, mas expressar-se de sua maneira, trazer ao mundo sua vivência pessoal, exteriorizar seus sentimentos. A arte propõe uma viagem de rumo imprevisito – da qual não sabemos as conseqüências. Porém, empreendendo, o que conta não e a chegada é a evasão<sup>2</sup>. Buscamos a arte pelo prazer que ela nos causa. (COLI 1990, p.112).

Dentro de tantas definições a arte em si, não tem uma descrição concreta que a defina exatamente, por não ser uma ciência exata é repleta de subjetividade e inúmeras explicações para seu significado real.

Existem dentro da arte diversas possibilidades de expressão na qual ela mesma se completa “arte-pela-arte”, a arte basta a si mesma e não necessita nenhum fim ulterior, seja moral, político ou religioso<sup>3</sup>. (CHILVES 2001, p.180)

A arte permite explorar várias áreas dentro de si mesma, repleta de linguagens<sup>4</sup> que “abrem seu leque” de expressão e subjetividade.

No contexto contemporâneo entende-se a grande liberdade que a arte exerce, segundo Cocchiarale (2007, p.11): “Muitos. A maioria diz não entendê-la, por achá-la estranha àquilo que consideram arte. Outros ainda que com conhecimento de causa, seja por preferirem arte clássica ou por fidelidade teórica (paixão na verdade), à arte moderna.” É notável o estranhamento que arte causa no período atual na qual se encontra, muitos ainda rejeitam a arte contemporânea por ser

<sup>2</sup>Segundo Dicionário Michaelis on-line: ato de evadir-se, fugir, pela imaginação, pelo devaneio; escapismo. <http://www.michaelis.uol.com.br> acesso em 05 de novembro de 2013

<sup>3</sup> Retirada citação do Dicionário Oxford de Artes 2001, responsável e organizador Ian Chilves.

<sup>4</sup> Será aprofundando conteúdo sobre linguagem no capítulo 4.



desafiadora. Canton em uma breve reflexão sobre esse rompimento que a arte moderna e contemporânea veio fazendo com o público da arte,

“[...]com o passar do tempo a arte moderna, que buscava sobretudo a experimentação, sofre um desgaste. Ela se torna tão experimental que acaba por afastar-se do público, que passa a achar suas manifestações ora estranhas, ora inquietantes e de difícil compreensão.”(2009, p.49)

Até mesmo porque, na arte contemporânea muitas vezes o próprio público acaba fazendo parte das obras e participa de modo indireto. Cocchiarale (2007, p.160) reflete que:

A arte contemporânea não é um campo especializado como foi a arte moderna. Centrada na busca da arte autônoma em relação ao universo temático particularmente com naturalismo acadêmico [...] a arte contemporânea, de modo inverso e na contramão a essa tendência, esparrama-se para além de um campo especializado do modernismo [...] tornando-se contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida.

A arte na atualidade está cada dia mais abrangente acompanhando o ponto de vista do artista, saindo dos espaços formais e ganhando às ruas, quebrando regras e técnicas convencionais se apropriando de diversos campos para sua expressão, está presente diretamente no cotidiano das pessoas em praticamente todos lugares. Koneski apud Oliveira (2008, p.19) diz que:

A arte contemporânea abre para uma experiência de muitas interrogações, de muitas inquietações e estranhamento. Devemos dizer que esse estranhamento não é peculiar apenas de um determinado público [...] a questão, ao nosso ver está na produção e recepção da arte contemporânea, que na sua grande parte nos instala numa situação de desconforto.

Claro que a liberdade que a arte contemporânea oferece é um fator positivo para a expressividade, muitos artistas vem ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento, dentro desses aspectos. Servindo sim para se expressar, e criando o desapego ao deixar o mundo conhecer suas aspirações e inspirações. “E afinal para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma

ordem pré-estabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e organizar o mundo.” (Canton 2009, p.12).

A arte oferece diversas possibilidades e isso reflete desde o modo de expressão aos materiais usados por Lygia Clark que DOBRAva em sua série “Bichos” em aço criando as possibilidades do público interagir. Bem como a artista Mademoiselle Maurice que com suas DOBRAduras ainda interfere no ambiente urbano trazendo cor e comoção.

#### **4. ENSINO DA ARTE NO BRASIL: CONCEITOS E DOBRAS HISTÓRICAS**

O ensino de arte no panorama brasileiro foi ganhando espaço na escola em um período relativamente atual, se formos pensar que a arte está presente desde os primórdios da humanidade<sup>5</sup>.

Passando pelo ensino tradicionalista, no qual era baseado em repetições e fundamentos tecnicistas, a predominância eram os modelos prontos:

O ensino da arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura, competia ele “transmitir” aos alunos códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variam de linguagem para linguagem, mas tinha em comum, sempre, a reprodução de modelos. (PCN, 2000, p. 25)

Claro que mesmo com as mudanças no ensino ainda existem vestígios dessa escola tradicionalista na atualidade, afinal, muitos professores vivenciaram essas formas de ensino.

Muitas mudanças começaram a aparecer dentro do ensino da arte entre os anos (20 e 70) no qual, iniciava-se o período da tendência escolanovista, que valorizava o criar, no qual, o aluno tinha liberdade de expressão. Nesse período de 1922 em São Paulo ocorreu a Semana de Arte Moderna; que além de influenciar a população, influenciou também as escolas.

Realizada de 13 a 17 de Fevereiro a Semana de 22 foi um festival dadaísta, no estilo dos organizados em Paris, tanto pelo radicalismo das idéias como pela manifesta intenção de chocar e escandalizar o conservadorismo burguês, literário e artístico. (FILHO 2005, p.80)

---

<sup>5</sup> Refiro-me sobre manifestações artísticas rupestres.

Rompendo paradigmas da época, a arte conseguiu ganhar atenção nacional, e assim seu processo dentro da educação também foi ficando mais abrangente, porém foi no final da década de 60 que houve uma real aproximação das manifestações artísticas no ambiente escolar.

No ano de 1971 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi incluída como atividade educativa no currículo escolar “educação artística”, ainda não era considerada disciplina, porém, foi um grande avanço na estrutura educacional.

A partir dos anos 80 constituiu-se o movimento da Arte-educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal. O movimento Arte-Educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos e competência na área. (PCN 2000, p.30)

Com essa união, muitas melhorias foram acontecendo, falava-se em arte na escola, os professores de artes, procuravam por mudanças que refletissem diretamente dentro da sala de aula.

Com manifestos e protestos foram conquistando em 1996 ocorreu a obrigatoriedade do ensino da arte na educação básica.

Com a Lei n. 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e arte passa a ser considerada obrigatória: O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultura dos alunos. (art. 26 §2º) (PCN, 2000, p. 30)

A arte sendo reconhecida como disciplina, abriu também discussões em relação a metodologia e maneiras de abordá-la em sala, afinal, não basta ser obrigatória, tem que ter um planejamento e assim construir junto ao educando um conhecimento específico. Tornou-se necessário entender que “trabalhar artes na escola não significa apenas desenvolver atividades que liberam emoções, mas também focar a arte como constituição de conhecimentos (SANTOS, 2008, p.8) reconstruindo o valor de anos de luta, “sendo um bem mundial, considerado patrimônio cultural da humanidade, pois através da comunicação e expressão plástica, musical, dramática e literária o homem deixou sua história registrada (p.7). Trabalhar de forma que o educando, sentisse e ao mesmo tempo agregasse

conhecimento se tornou um desafio até nos tempos atuais.

Assim, tendo em vista que:

O ensino da arte na escola possibilita aos jovens a desenvoltura das habilidades que podem redirecionar a educação dos sentidos. Aprender arte na escola permite ao aluno partilhar as experiências de saber estético com os colegas, com o professor de artes com a sociedade. A aula de arte pode colaborar não somente para compreensão interdisciplinar na escola, mas também para compreensão do mundo. (ROSENTHAL, 2013, p. 45).

Com isso pode-se entender o quão o ensino da arte é importante na escola, para os educandos poderem então desenvolver além das disciplinas “ditas” básicas, uma percepção de mundo. Nos PCN de Artes afirma-se que: “arte não representa ou reflete a realidade, ela é a realidade percebida de outro ponto de vista (2000, p.37). É nesse estímulo de uma nova visão sobre o mundo, que o professor vai motivando o aluno nesta descoberta.

Ensinar a arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. (PCN, 2000, p.47)

Com todas estas conquistas, da arte na educação, pode-se dizer que ainda a muito a conquistar, porém pelo simples fato do professor estimular o educando a “fluir” sua criatividade de modo que mesmo esteja agregando conhecimento é um dos fatores que levam a demonstrar sua importância.

É compreensível que algo que trabalhe com a imaginação cause estranhamento e ao mesmo tempo se torne fundamental na construção do conhecimento do educando. A arte aumenta relativamente o repertório cultural do educando, Martins completa que:

Pensar no ensino da arte é, pensar na leitura e produção da linguagem da arte, por assim dizer, é um modo único de despertar a consciência e novos modos de sensibilidade. Isso pode nos tornar mais sábios, seja sobre nós mesmos, o mundo ou coisas, seja sobre a própria linguagem da arte. (1998, p. 46).

Portanto, o ensino da arte irá ampliar novos meios de expressão e experiências envoltas em imaginação, com estímulo a criatividade, exercendo seu papel fundamental de benefício ao educando, até porque proporciona ao mesmo

descobertas e afirmação de sua cultura no meio em que vive, através da produção artística consegue-se obter informações e conhecimento sobre a sociedade.

Neste contexto é fundamental o papel do educador incentivador através do respeito à bagagem cultural do aluno ajude-o a agregar conhecimento ao invés de impor.

Cabe também ao professor tanto alimentar aos alunos com informações e procedimentos de artes que podem e querem dominar quando saber orientar e preservar o desenvolvimento do trabalho pessoal, proporcionando ao aluno oportunidade de realizar suas próprias escolhas para concretizar projetos pessoais e grupais.(PCN, 2000, p.50)

Tendo em vista que o arte-educador, tem como responsabilidade trabalhar diversas linguagens que partem da necessidade de ter o entendimento sobre sentidos e sensações proporcionadas pelas mesmas.

## 5. ENTENDENDO E DOBRANDO A LINGUAGEM

“Linguagem é constituinte do sujeito”  
(Vigostsky apud BRASIL, 2006, p.62)

Vigostsky, afirma que a linguagem é parte de todos nós, afinal, se pensarmos que não é correto limitar a linguagem em oral e escrita, denota-se a abrangência da mesma, “ela é a única forma que usamos para saber, compreender, interpretar e produzir conhecimento no mundo” (Martins, 1998, p.35). Através da linguagem podemos descodificar o mundo. Segundo Brill:

O que define o homem como ser racional é a sua capacidade de codificar, isto é, de simbolizar sua existência captar sua vivência, expressando-a, a fim de memorizá-la para si mesmo ou transmiti-la aos outros. É da função simbólica, possibilitando a troca de idéias entre indivíduos do mesmo grupo social, através de códigos tais como a linguagem escrita e falada e as artes.(1998, p. 35).

Brill além de trazer a questão da comunicação aprofunda-se em dizer que na linguagem a arte é um dos códigos a serem utilizados, até porque expressar-se é uma das maneiras de comunicar-se com o mundo. Martins (1998, p.37) afirma que:

Quando falamos de linguagem, logo vem a mente a fala e a escrita. Estamos tão condicionados a pensar que a linguagem tão somente a linguagem verbal, oral ou escrita e, do mesmo modo que ela é a única forma que usamos para saber, compreender, interpretar e produzir conhecimento

no mundo, que fechamos nossos sentidos formas de linguagem que, de modo não verbal, também expressam, comunicam e produzem conhecimento. [...] linguagem é um sistema simbólico e toda linguagem é sistema de signos. Somos rodeados por ruidosas linguagens verbais e não verbais – sistema de signos – que servem de meio de expressão e comunicação entre nós, humanos, e podem ser percebidas por diversos órgãos e sentidos o que nos permite identificar e diferenciar, por exemplo, uma linguagem oral (fala), uma linguagem gráfica (a escrita, ou gráfico), uma linguagem tátil (sistema de escrita Braille, um beijo), uma linguagem olfativa (um aroma como perfume), uma linguagem gustativa (gosto pimenta, ou doce) ou as linguagens artísticas. Delas fazem parte linguagem cênica (teatro, dança), linguagem visual (desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema) entre outras.

Entende-se desta maneira que a linguagem esteve presente em nossa vida, desde nossos primeiros sinais de comunicação, quando bebê a criança comunica-se com sua mãe através de vários sinais como o choro para conseguir o que quer.

Vamos crescendo e criando códigos e sinais para interagirmos uns com os outros, sendo de certa forma impossível distanciar-se da linguagem da arte, pois é através dela que podemos nos expressar de maneira particular. Martins (1998, p.41) define a linguagem artística sendo “um modo singular do homem refletir – reflexão/reflexo – seu estar-no-mundo. Quando o homem trabalha nessa linguagem, seu coração e sua mente atuam juntos em poética intimidade.” Expressar-se através da arte é comunicar-se com o que nos envolve direta e indiretamente, sendo assim através de várias maneiras nos comunicamos com o mundo a nossa volta. Se formos pensar em linguagem e arte Borba apud Brasil aborda que:

A arte, a linguagem e o conhecimento, de modo geral, são frutos da ação humana sobre o mundo, sobre a realidade. Ao mesmo tempo em que criamos, agem sobre nós, identificando-nos de muitas maneiras, dependentes de tempo histórico e dos grupos sociais em que nascemos. A arte, a linguagem e o conhecimento fazem parte do acervo cultural do homem, como resultado de suas necessidades filosóficas, biológicas, psicológicas e sociais entre outras.(2006, p. 48).

Dessa maneira, é impossível dissociar a arte da linguagem, pois as duas juntas tornam-se fonte de comunicação, expressão, muitas vezes por intermédio da linguagem artística conseguimos passar uma mensagem.

A linguagem da arte nos dá a ver o mundo mostrando de modo condensado e sintético, através de representações que extrapolam o que é previsível e o que é conhecido. É no modo de pensamento de fazer da linguagem artística que a intuição, a percepção, o sentimento/pensamento e o conhecimento se condensam. (Martins, 1998, p. 46)

Através da linguagem rompem-se as barreiras e assim de forma singular podendo alcançar e tocar as pessoas de maneiras diferentes, mesmo que seja com a mesma mensagem.

## 5.1 A LINGUAGEM ARTÍSTICA EM SALA DE AULA

Se pensarmos em sala de aula ao trabalhar a arte o educador tem a responsabilidade de abranger diversas linguagens para assim construir junto de seu educando conhecimento e entendimento em diversas formas de ver mundo, não limitando-se somente a linguagem visual.

Ao explorar diversas linguagens o educador irá se deparar com modalidades visuais, dança, teatro, música, cinema etc. Cada um se comunica com o mundo de forma diferenciada, assim cada linguagem toca o educando de maneira diferente.

Ainda há o entendimento que não há regras específicas dentro da linguagem, Martins comenta:

Como toda e qualquer linguagem, a arte tem códigos, e cada linguagem da arte tem seus códigos, isto é, um sistema estruturado de signos. Assim, o artista, no seu fazer artístico, opera com elementos da gramática da linguagem da arte com liberdade de criação, utilizando-a de forma incomum. (1998, p.45)

Fazendo-se entender que na linguagem artística não existem limitações, para conseguir se expressar o artista se apropria de diversas técnicas e seus próprios meios. Pode-se entender que o artista a partir do momento que utiliza uma técnica de maneira que a mesma transborde expressividade ela se torna parte de uma linguagem artística. Oliveira diz que diferente da linguagem escrita (gramatical):

“[...] as linguagens artísticas e, mais ainda, as estéticas, pressupõem originalidade, ou seja, imagens, objetos, enfim, textos que consistam em proposições diferentes das já conhecidas, nas artes visuais, na música ou teatro. Para conseguir tal característica, a de originalidade, muitas vezes o construtor desses textos estéticos<sup>6</sup> se utiliza, nada mais nada menos, do que da desobediência às normas, às regras ou aos padrões pré-

---

<sup>6</sup> A autora Sandra Ramalho e Oliveira ao falar da linguagem em seu texto: Relação entre “Linguagens”, a mesma faz referência ao texto estético, pois considera que toda linguagem é um texto escrito de seu modo, podendo considerar um texto o balé, uma instalação etc. Sendo assim o texto é uma unidade de análise. (2008, p. 76)

estabelecidos de uma linguagem. Todavia, esta espécie de desobediência não se caracteriza como um erro; ao contrário.” (2008 p. 78)

Chegando a percepção que essa “desobediência” do artista às regras é a maneira que o mesmo rompe as barreiras e alcança o objetivo próprio de expressividade. Ao pensar dessa maneira podemos então presumir que em sala de aula o professor também dentro da linguagem da arte, não só pode como deve romper as barreiras ditas existentes na sociedade. Ao trabalhar com educando de maneira que se utilize de uma técnica e dessa forma a transporte para meio de linguagem e expressão.

O artista ao produzir sua própria linguagem, faz com que suas técnicas tornem-se parte da mesma. O professor ao estimular o educando por meio das diferentes técnicas pode fazer com que os mesmos entendam que por meio de diversas maneiras eles podem se expressar e estimular a criatividade.

## **6. DESDOBRANDO O ORIGAMI: CONCEITO E HISTÓRIA**

Não é de hoje o que esta técnica está presente em nosso cotidiano, se formos parar para analisar existem diversas maneiras que o mesmo é utilizado, desde um envelope até na forma que o air-bag<sup>7</sup> é DOBRADO.

A mágica acontece quando é pego um simples quadrado e ali se transforma em algo novo, a possibilidade de criar e dimensionar é enorme, se formos pensar que é apenas um quadrado de papel.

### **6.1 O ORIGAMI E SUA HISTÓRIA<sup>8</sup>**

Antes de entender seu surgimento é necessário conhecer um pouco da história do papel.

Em 105 d.C. um auxiliar do imperador chamado T'sai Lao, fez uma mistura de cascas de árvores, redes de pesca e panos para substituir a seda para a escrita, nessa alquimia acabou criando o papel. A receita foi mantida em segredo por

---

<sup>7</sup>Sistema de segurança de carros.

<sup>8</sup>A história do Origami foi escrita com base em GÊNOVA, Carlos (2001) Origami: a milenar arte das dobraduras.



muitos séculos, afinal a China vendia a preços extremamente altos para o mundo. Porém, o segredo foi rompido quando monges coreanos venderam a receita para o Japão, assim os japoneses também começaram a dominar a técnica de fazer papel.

Aos poucos toda a Europa começou a fabricar papel, porém os únicos que realmente tinham qualidade eram dos chineses e japoneses, apesar de ter o surgimento na China o papel era pouco utilizado para DOBRAR nesse país, tendo grande ênfase no Japão.

Na terra do sol Nascente (Japão), essa maneira de DOBRAR o papel começou então a ser chamada de Origami que significa ORI = DOBRAR e KAMI=papel, que atualmente é considerado patrimônio cultural japonês.

Inicialmente essa técnica era utilizada em rituais shintoístas<sup>9</sup> como forma de ornamentar os rituais, um dos grandes exemplos também utilizado na atualidade são as garrafas de saquê, que geralmente vem com duas DOBRAduras de borboletas ou mariposas representando a União.

Já no período de 1338 a 1573 o papel estava mais barato e acessível, fazendo que surgissem entre a população adornos com diversos significados, isto é, por intermédio destes poderiam ser identificados quem eram agricultores ou guerreiros samurais, dependendo do origami que utilizavam em sua vestimenta.

No período posterior a 1603, o origami se popularizou, surgindo diversas DOBRAduras entre elas a mais famosa o *tsuru* (garça), e no final dessa época ele se tornou parte do currículo escolar japonês.

Mas dentro da história dessa técnica foram os árabes responsáveis pela divulgação dessa arte pelo mundo, quando levaram ao seu país o segredo da fabricação do papel. Quando houve a invasão dos mouros na Espanha (por volta de 711), utilizaram essa técnica na ciência e matemática. Quando os mouros foram expulsos por volta de 1492 a ciência e a arte já haviam se tornado parte da cultura local. Dessa maneira os espanhóis continuaram a usar da DOBRAdura em seu cotidiano na qual chamam até hoje na Espanha e na Argentina de “papiroflexia”.

Tempos depois novamente no Japão por volta do ano de 1797 começam a surgir as primeiras instruções escritas de como montar um origami, sendo publicado o primeiro livro com grande coleção de DOBRAduras tradicionais japonesas.

---

<sup>9</sup> Culto religioso japonês

Já mais na atualidade na década de 30 o famoso origamista japonês Akira Yoshizawa se reuniu com norte-americano Sam Randlett e juntos desenvolveram um esquema que simplificou o modo de ilustrar e a maneira de produzir o origami, o diagrama, dessa forma tornou-se popular no mundo inteiro e era mais fácil fazê-lo.

No Brasil o origami chegou com os portugueses vindos da Europa apenas com intuito de educar filhos de famílias nobres.

## 6.2 SIMBOLOGIAS E LENDAS SOBRE O ORIGAMI

Sabe-se que no Japão ele é muito utilizado dentro de diversos simbolismos, em funerais, no qual o origami representa algo que em outra vida a pessoa pudesse querer ter, levando tudo que era desejado para outro plano. Já em festas de casamento também são queimadas imitações de cédulas, envelopes, origamis específicos para que houvesse prosperidade.

Entre os significados mais relevantes os animais tem mais destaque assim como o sapo que representa amor e fertilidade, a tartaruga longevidade, e um dos mais famosos a garça (*tsuru*)<sup>10</sup> que representa felicidade e boa sorte.

Existem diversas lendas rodeando o *tsuru* desde a antiguidade, pois é uma DOBRAdura que ganha certo destaque, por ter se tornado popular e ser de nível médio para ser feita.

Diz a lenda que se forem DOBRAdos mil (1000) *tsurus*, chamada “*sembatsuru*”, com pensamento positivo no que é desejado, é realizado o pedido. Mas geralmente essa lenda é direcionada a pedidos para pessoas doentes, afinal em cada DOBRAdura é depositado um pouco de fé e esperança.

Outra lenda muito conhecida no Japão é a da menina Sadako, é uma história real, que na atualidade ainda inspira diversas pessoas.

---

<sup>10</sup>DOBRAdura popular no Japão, que conquistou o mundo. Será escrito em itálico no decorrer desde projeto por ser uma palavra japonesa.

### 6.3 LENDA DE SADAKO E OS 1000 *TSURUS*<sup>11</sup>

A história de Sadako Sasaki (figura 1) se passa em um vilarejo a dois quilômetros da cidade de Hiroshima onde aconteceram os ataques com bomba atômica. Mesmo com isso a menina cresceu saudável até 1954 quando completou seus 11 anos.

Figura 1- Foto de Sadako Sasaki



Fonte: < <http://mayashope.org/2012/07/24/sadako-and-the-1000-paper-cranes/> >

Certo dia enquanto brincava no recreio de sua escola, ela começou a sentir-se mal e desmaiou. Ao chegar no hospital foi constatado leucemia, a doença da bomba atômica, chamada pelas pessoas na época.

Enquanto estava no hospital Sadako recebeu a visita de sua melhor amiga Chizuko Hamamoto, que contou a história que uma pessoa que certa vez fez 1000 *tsurus* e pediu aos deuses algo para sua vida e eles conceberam o que havia sido desejado. Nesse mesmo dia a amiga a presenteou com um *tsuru* dourado (figura 2) que ela mesmo tinha feito, desejando melhoras a Sadako.

---

<sup>11</sup> A lenda de Sadako está referenciada no site disponível: <<http://www.lendashistoriasemais.wordpress.com/2010/06/18/a-lenda-de-sadako-sasaki>> acesso em 20 de outubro de 2013

Sadako

Figura 1- Representação *Tsuru* Dourado ofertado a



Fonte: <[http://www.flickr.com/photos/celso\\_teixeira/3408734459/](http://www.flickr.com/photos/celso_teixeira/3408734459/)>

Naquela mesma noite Sadako conheceu um menino da mesma idade, ela contou a história para ele convidando-o para também fazer 1000 *tsurus* para se curarem, porém o menino já sabia que aquela era sua última noite e apenas desejou a Sadako boa sorte.

Depois disso, ela decidiu que não pediria a cura para ela mesma, mas sim para todos os atingidos pelos efeitos da bomba de Hiroshima, a partir daí, a menina começou a fazer os *tsurus*, utilizando qualquer tipo de papel desde caixas de remédios a cartões que recebia.

Porém, na manhã de 25 de outubro de 1955, Sadako veio a falecer faltando poucas DOBRADURAS para contabilizar a número mil, a menina havia feito 964 *tsurus* e no seu enterro seus amigos completaram o que faltava em sua homenagem.

Quatro anos mais tarde esses mesmos amigos, mandaram fazer um monumento em homenagem a ela, a estátua de Sadako segurando um imenso *tsuru* dourado que a amiga havia lhe ofertado no hospital (figura 3).

Figura 2 - Estátua de Sadako Sasaki - Japão



Fonte: <<http://www.molon.de/galleries/Japan/Hiroshima/Peace/img.php?pic=16>>

Até os dias atuais os funcionários do local onde o monumento está disposto, não dão conta de retirar os *tsurus* ofertados em homenagem a menina.

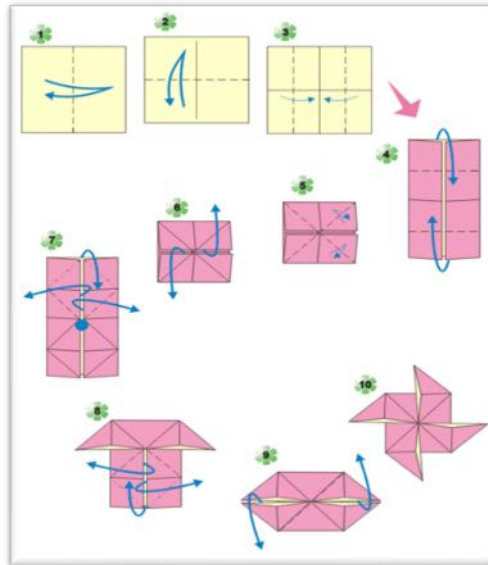
#### 5.4 ORIGAMI E EDUCAÇÃO:

É notório que o Origami é uma técnica com inúmeras possibilidades de criação. Estimula o indivíduo a fazer algo dito “mágico”, afinal de um simples quadrado de papel abre-se um “leque” de possibilidades de DOBRAduras para transformá-lo em algo novo.

Um dos fatores relevantes para possibilidade de utilizar em sala de aula é a disciplina e a atenção que o mesmo exige, pois é necessário seguir a forma correta do diagrama para que o produto final dê certo.

Um exemplo (figura 4) que representa um diagrama a ser seguido.

Figura 3 - Diagrama Catavento



Fonte: <[www.benchickusudama.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html](http://www.benchickusudama.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html)>

O uso das duas mãos ao mesmo tempo é considerado por estudiosos importante para desenvolvimento da coordenação, afinal estimula novas conexões entre neurônios. Sem contar que essa técnica ajuda na capacidade de concentração, paciência, reduz o estresse e melhora a visão espacial.

E ainda se pensarmos na possibilidade de estímulo à criatividade, pois trabalha ao mesmo tempo com os dois pólos cerebrais, de maneira leve e agradável.

FOELKER (2003, p.21) apud Figueredo afirma que:

É necessário a partir desse desenvolvimento mental, enfatizar no desenvolvimento da criança a observação, a persistência, a meticulosidade, a concentração e atenção, a autoconfiança, o esforço pessoal, tornando-as capazes de aprender e compreender esta arte fascinante.

Sendo uma ferramenta de auxílio para o professor em sala de aula, apesar de não ser algo fácil de trabalhar, pois, também exige do educador paciência e atenção, porém os benefícios para seus alunos são inúmeros. Com origami pode-se trabalhar as diferenças culturais e ao mesmo tempo pensar a arte como linguagem contextualizando-a.

Na educação Friederich Froebel (1782-1852), pedagogo, foi um dos pioneiros em usar em uma sala da educação infantil, o Origami, como prática pedagógica de forma positiva afirmando que:

Atualmente o origami é reconhecido como ciência. Além dos benefícios no aprendizado escolar na sua arte, além do divertimento e prazer, pode

transformar-se em enfeites. O fascínio proporciona do pela transformação de um simples pedaço de papel, por meio de DOBRAS parece contribuir para ganhos acima relatados. Nesta transformação observamos surgirem as mais variadas figuras como animais, flores, caixas, brinquedos, objetos utilitários, figuras geométricas decorativas e ilustrativas e o que mais a imaginação permitir. (FROEBEL apud MILANEZ 2004, p.18).

Outro fator relevante é que além das criações infinitas, a interação entre os educandos nas aulas aumenta, ao querer ajudar o grupo a chegar no objetivo geral de construção da peça, as crianças interagem mais e se preocupam se os colegas também estão conseguindo, dessa forma também estimula a auto confiança dos mesmos.

## 6.5 O ORIGAMI COMO LINGUAGEM EM SALA DE AULA

Trabalhar esta técnica em sala de aula traz alguma dúvida para educador, afinal a técnica em si pouco agrega na construção de conhecimento cognitivo do educando. O PCN de Artes (2000, p.28) afirma que: “o que distingue essencialmente a criação artística das outras modalidades de conhecimento humano é a qualidade de comunicação entre os seres humanos que a obra de arte propicia, por utilização particular das formas de linguagem”.

Dessa maneira, pode-se trabalhar o Origami de forma contextualizada em sala de aula, além de uma técnica pode tornar-se uma linguagem, Martins (1998, p. 45) complementa que:

Por não haver regras fixas no modo de produção da arte, o artista desvenda infinitas combinatórias num certo jogo como linguagem. Articulando os elementos que já fazem parte do seu repertório pessoal de uso do código às novas descobertas de sua pesquisa, o artista produz sua própria linguagem, na própria arte.

Assim, como o artista que se apropria da técnica para torná-la linguagem o educador em sala, também pode fazer o mesmo.

A maneira de aplicá-lo em sala é muito importante, mas deve-se contextualizá-lo no cotidiano dos educandos, afinal a criança em si tem um potencial criativo incrível.

Figueiredo traz em sua monografia que “toda criança que desenha constrói, experimenta e transforma o uso de objetos com uma liberdade e uma

criatividade notável. Criar é a primeira linguagem do homem que lhe permite assimilar as experiências vividas e traduzi-las” (2007, p. 27). Estimular seu potencial criativo com o origami é uma das formas de estimulá-lo a ver a técnica como linguagem artística. O fazer por fazer torna-se apenas uma técnica.

Lygia Clark com suas DOBRAS na série “Bichos” rompeu diversos paradigmas em relação à escultura. E outra artista em particular, que vem ganhando na contemporaneidade muita repercussão por utilizar o Origami, é Mademoiselle Maurice, a artista se apropria da técnica e a transforma em linguagem em suas instalações e intervenções urbanas.

#### 6.6 LYGIA CLARK (1920- 1988): UM DESDOBRAMENTO DIFERENTE

Uma artista brasileira, nascida na década de 20, de Belo Horizonte, que foi uma pintora, escultora e segundo a mesma uma “não artista” (figura 5).

Figura 4 - Foto Lygia Clark



Fonte: <<http://gaarq.blogspot.com.br/2012/08/carta-de-lygia-clark.html>>

Mesmo sendo mãe de família, rompeu paradigmas da época e foi estudar arte em Paris com Burle Marx,<sup>12</sup> onde começou a conviver com diversos artistas da época.

---

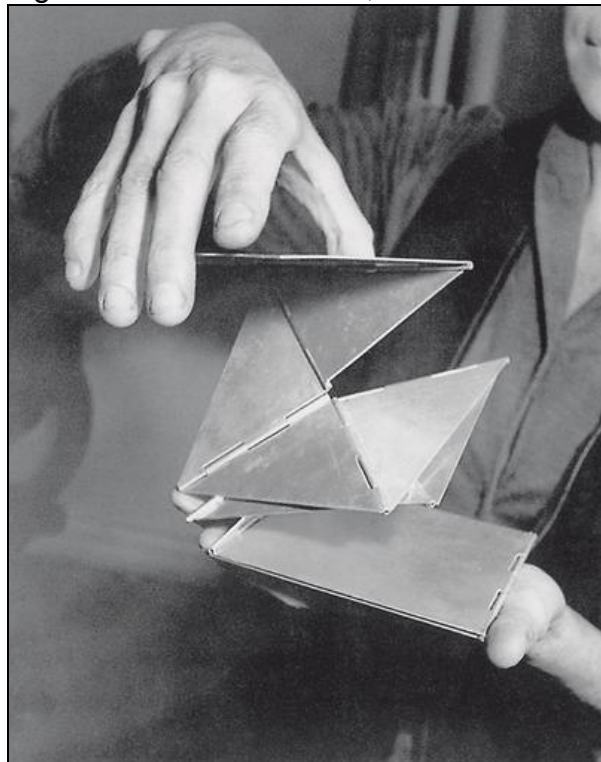
<sup>12</sup> Arquiteto paisagista renomado internacionalmente.



Milliet a define como “dotada de intuição plástica poderosa, Clark foi uma das concretistas que mais profundamente compreendeu e trabalhou as relações com espaços temporais [...] desDOBRA gradualmente o plano em articulações tridimensionais” (1992, p.21).

A artista teve diversas linhas de criação dentro do concretismo<sup>13</sup>, porém em 1959 a mesma deu início a sua série “Bichos” (figura 6), contemplando DOBRAS espaciais e encaixes que faziam com que o espectador se tornam-se parte da obra.

Figura 5- Bicho de Bolso, 1961



Fonte: <<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=L&cd=2425>>

Ainda Milliet contempla que:

“Bichos”, nome tão brasileiro, entidade abrangente, animal síntese, mito que atemoriza e atrai; esta é a denominação que Lygia dá a sua nova criação (1960). São placas de metal polida unidas por DOBRAdiças, plasticidade rígida por combinações matemáticas, ousada conjunção do princípio construtivo com expressão orgânica.(p.22).

<sup>13</sup> O concretismo era a busca dos artistas em incorporar a arte(musica, poesia, artes plásticas)às estruturas matemáticas geométricas. Retirada definição do site <<http://www.brasilecola.com/literatura/concretismo.html>> acesso em 04 novembro de 2013

Com essa série escultórica a artista causa controvérsia, pois muitos críticos não conseguem classificar como escultura, por intermédio a essas obras houve o rompimento do tradicional nessa linguagem (figura 7).

Figura 6 - Bicho Caranguejo, 1960



Fonte: <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=L&cd=2425>>

Ao romper os paradigmas por intermédio do DOBRAR e desDOBRAR a série “Bichos” conversa com espectador de maneira direta, onde o mesmo torna-se também responsável pela obra ao manuseá-la, mostrando assim de maneira contemporânea como utilizar dobras, lembrando o origami porém com formas irregulares.

Tornando “lúdico, participacional, com indício de menor contribuição do artista, alguns vêem nesses objetos apenas um jogo do acaso em que o espectador seria um agente transformador” (Milliet, p.75).

Nesse possível jogo de formas geométricas, DOBRAS e transformação Lygia Clark inovou, afinal “Bichos” proporciona a vivência de reDOBRAR sua obra e assim resignificá-la no espaço no qual se encontra.

## 6.7 A ARTISTA MADEMOISELLE MAURICE:<sup>14</sup>

É uma jovem francesa nascida nas montanhas de Savoy, formada em arquitetura em Lyon, Geneve e Marseille que ali se estabeleceu após morar um ano no Japão (figura 8).

Figura 7 - Artista Mademoiselle Maurice (s/d)<sup>15</sup>



Fonte: <<http://www.mademoisellemaurice.com>>

A artista foi impulsionada a fazer suas criações após vivenciar algumas tragédias no Japão (tsunamis, terremotos e o vazamento da usina nuclear), no ano de 2011. Baseada na lenda de Sadako<sup>16</sup>, a mesma decidiu desenvolver suas obras com base em origamis, rendas, cores ricas em lições (figura 9).

As cores utilizadas como espectro, com base no arco-íris, extremamente vivas. Suas obras são na grande maioria urbanas e utilizam o fundo cinza dos muros, a cor é utilizada para ressaltar a profusão e levar alegria aos ambientes.

<sup>14</sup> Dados e fotos sobre a artista foram retirados do site oficial Disponível:

<<http://www.mademoisellemaurice.com>> acesso em 15 set. 2013. Traduzido por Daniela Behs.

<sup>15</sup> As fotos não contém data no site da artista, por será utilizado s/d (sem data)

<sup>16</sup> Lenda apresentada no capítulo 5 Origami Conceito e História, no subcapítulo 5.3 Lenda de Sadako e os 1000 Tsurus

Figura 8 - Detalhe Obra (s/d)



Fonte: <<http://www.mademoisellemaurice.com>>

Suas obras são instalações<sup>17</sup> nas ruas onde utiliza-se de Origamis em número consideráveis (figura10) , foram 35 mil DOBRADuras para sua realização.

Figura9 - Street Art 3 Mademoiselle Maurice– Marselha (s/d)



Fonte: <<http://www.mademoisellemaurice.com>>

<sup>17</sup> Segundo Isabelle Rouge (2002) apud Lamas diz que instalação é o termo que se emprega quando não é mais possível falar de escultura pura, porque as obras das quais essas questões tratam estão na relação com o lugar no qual são representadas[...] o espaço de exposição se encontra integrado à obra, e a obra depende dele. (p.91)

Lamas complementa que: a instalação quase sempre é provisória e efêmera; está instalada em um espaço, mas tem um tempo de duração. Isso significa que a noção de tempo e de espaço, simultaneamente faz parte de sua constituição. (2007, p .91)

Suas obras são instalações<sup>18</sup> nas ruas onde utiliza-se de Origamis em número bastante consideráveis (figura11) , foram 35 mil DOBRAduras para sua realização.

Sua obras são efêmeras, feitas para levar alegria ao ambiente urbano, segundo a artista (figura 12).

Figura10- Street Art Mademoiselle Maurice– Marselha (s/d)



Fonte:< <http://www.mademoisellemaurice.com>>

---

<sup>18</sup> Segundo Isabelle Rouge (2002) apud Lamas diz que instalação é o termo que se emprega quando não é mais possível falar de escultura pura, porque as obras das quais essas questões tratam estão na relação com o lugar no qual são representadas[...] o espaço de exposição se encontra integrado à obra, e a obra depende dele. (p.91)

Lamas complementa que: a instalação quase sempre é provisória e efêmera; está instalada em um espaço, mas tem um tempo de duração. Isso significa que a noção de tempo e de espaço, simultaneamente faz parte de sua constituição. (2007, p 91)



Figura 11 - Street Art Festival Junho 2013 - ARTAQ



Fonte: <<http://www.mademoisellemaurice.com>>

Para conhecer melhor a artista foi realizada através de e-mail (dia 02 de outubro de 2013) alguns questionamentos como:

Gostaria de saber sua opinião sobre o uso do Origami como linguagem artística?

Mademoiselle respondeu que:

*Utilizar o Origami é como realizar uma pintura.*

Questionei também sobre como utilizá-lo em sala de aula e se conhecia algum projeto pedagógico utilizando esta técnica.

Mademoiselle respondeu que:

*Na sala de aula, há algo mágico na criação das formas de um simples quadrado de papel, e é realmente um bom exercício para representação espacial.*

A artista se apropria da técnica da DOBRADURA japonesa e a transforma em linguagem artística em suas instalações urbanas.

Figura12 - Street Art Mademoiselle Maurice (s/d)



Fonte:< <http://www.mademoisellemaurice.com>>

## 7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 7.1 DesDOBRANDO os Espaços de Narrativa com o Origami

Com objetivo de entendermos que o Origami além de técnica pode tornar-se uma linguagem artística em sala de aula, foi realizada uma oficina dentro da pesquisa de TCC proposto. A partir do texto “A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa, proposta por Honorato (2008, p. 109) a oficina aconteceu na Unesc na sala 08, do Bloco Z, na data 24/10/2013 das 19:00hs às 21:00hs, enfocando e dando voz às falas dos acadêmicos, foram realizados registros fotográficos e filmagens da prática proposta.

Segundo Honorato:

Espaços de narrativa são constituídos por narrativas orais, gestuais e visuais. Emergem quando se acredita na potencialidade da história de cada um, na constituição de sujeito fazedor de sua cultura, no valor da história narrada, na concepção de história descontínua. (2008, p. 116).

Sendo assim, por intermédio desses espaços foi realizada a oficina com a turma da 4ª fase de Artes Visuais – Licenciatura, sendo 18 acadêmicos e destes 6 já são professores atuantes na rede municipal de Criciúma, como professores de arte.

A oficina ocorreu de maneira exploratória, na qual os questionamentos direcionados para esta pesquisa foram sendo feitos de forma informal, obteve-se acesso ao real conhecimento dos participantes. Após apresentar-me, questionei os participantes com a seguinte pergunta: O que é Origami para vocês?, 3 acadêmicos responderam de maneira espontânea que era:

Acadêmico 1: *DOBRA*dura.

Acadêmico 2: *Miniaturas*.

Acadêmico 3: *Acho que são do Oriente*.

Dessa forma pode-se entender que da turma de 18 participantes, apenas 2 tinham certa noção, sem certeza real do que era. Expliquei a todos a definição de Origami, através de slides e falei um pouco de sua origem. Então novamente de forma informal os questionei: Como o utilizariam ou se já utilizaram (aos professores presentes) em sala de aula?

Acadêmico 1: *Mostraria a origem, talvez...*

Acadêmico 4: *Não trabalhei em sala.*

Acadêmico 2: *Não aprendemos na faculdade? Senão fica difícil.*

Podemos notar a insegurança de levar a técnica para a sala de aula, a falta de conhecimento faz com que o professor de arte deixe diversas técnicas e linguagens fora de suas aulas, não construindo repertório com seus educandos, talvez porque não tenham a prática. Em suas vivências e futuras vivências em sala de aula como foi já relatado no capítulo 4 (desDOBRANDO a linguagem), o professor tem a necessidade de trabalhar diversas técnicas e linguagens com seus educandos.

Ainda nesse contexto os questionei se consideravam uma técnica ou uma linguagem a arte do Origami. As respostas foram divididas:

Acadêmico 1: *Uma técnica.*

Acadêmico 5: *Não pode ser os dois? Fico em dúvida.*

Claro que geraria dúvidas afinal é uma técnica pouco conhecida pelos mesmos, apesar de já terem tido contato com a DOBRADURA ela ainda é algo distante de muitas aulas de arte. Dessa forma e utilizando-me da falta de conhecimento dos mesmos apresento então a artista francesa Mademoiselle Maurice citada no capítulo 5, que utiliza o Origami como linguagem, a surpresa da turma foi imediata com questionamentos de modo de trabalhar da artista e eles perguntam:

Acadêmico 1: *Ela cola na rua?*

Acadêmico 6: *Ela faz isso pequeno?*

Acadêmico 1: *Faz maquetes? Como ela faz? É origami?*

Acadêmico 4: *Cores bem fortes, achei lindo.*

Acadêmico 1: *O legal que não conhecia origami, as crianças vão adorar, parece difícil, mas nunca tentei, deu até vontade.*

Quando revelei aos mesmos que as intervenções da artista são urbanas e ocupam grandes espaços, sendo uma obra efêmera e em média são utilizados de



35 mil a 42 mil DOBRAduras em algumas de suas propostas, os participantes da oficina ficaram de certa forma impressionados, com a possibilidade de criação artística com o Origami.

Ainda no contexto de linguagem trago a fala da autora Martins:

Como toda e qualquer linguagem, a arte tem códigos, e cada linguagem da arte tem seu código, isto é, um sistema estruturado de signos. Assim, o artista, no seu fazer artístico, opera com elementos da gramática da linguagem da arte com liberdade de criação, utilizando-os de forma incomum.(2008, p. 45)

O artista se apropria da técnica e dela o torna sua própria linguagem dentro da arte, os mesmos começaram então a observar de maneira diferente a técnica, nitidamente relatado em suas falas, quando os questionei novamente: E agora dentro de tudo que conversamos como trariam o Origami para sala de aula?

Acadêmico 1: *Traria a artista, porém terei que aprender mais antes de pensar em ensinar.*

Acadêmico 7: *Traria como forma de autonomia na questão educacional, pois ficamos muito presos a levar para sala de aula artistas ou uma técnica x, e não trazer uma propriedade. Acho que o origami permite, sim, se apropria da técnica e vira uma linguagem da maneira que aplicamos em sala.*

Nesse momento foi um pouco conflitante, pois um dos acadêmicos se posicionou que origami em sala para ela poderia ser apenas técnica e nas falas dos demais tentam explicar como trazer para linguagem:

Acadêmico 1: *Mas origami tem que trazer técnica sempre.*

Acadêmico 5: *Acho que é aquilo que a criança sente ao fazer, ela produziu, entende, como artista.*

Acadêmico 1: *Mas tem que fazer a técnica.*

Acadêmico 7: *Sim, para fazer o origami tem que ter a técnica, porém como linguagem o aluno precisa sentir que produziu como artista, como linguagem entende? Precisa contextualizar.*

Acadêmico 1: *Ok, sou leiga, mas agora vendo a artista, me interessei sim em produzir algo meu, com meu olhar, não me espelhando nela, porém criei um interesse.*

Acadêmico 5: *Isso é linguagem.*

Acadêmico 8: *Bem, não dava nada por isso antes.*

Ao fim da discussão entorno do entendimento do Origami como linguagem em sala, percebi que os mesmos haviam construído juntos um entendimento geral que o Origami é uma técnica que possibilita um resultado como linguagem artística.

Oliveira afirma a necessidade de como o educador tem que trazer aulas diversificadas de maneira que haja uma interação entre as linguagens para que o educando não fique limitado a cada uma, sem fazer ligação entre as mesmas dentro do contexto artístico.

Ao limitar o ensino da Arte a apenas uma “linguagem” nas escolas ou, na melhor das hipóteses, pelo ensino de cada “linguagem” em momentos distintos no processo de aprendizagem, ou seja, em series diferentes (multidisciplinaridade), verifica-se a existência de dois problemas, o primeiro mais forte que o segundo: ou o aluno conhece apenas uma “linguagem”, geralmente visual; ou conhece distintas linguagens sem estabelecer relações entre elas, de modo que o conhecimento de uma área não contribui para aprendizado das demais. (2008, p 80)

Nesta oficina, podemos juntos entender que ao utilizar o Origami como uma técnica que pode sim ser utilizada em diversas linguagens, no caso da linguagem visual, a artista utiliza-o como elemento artístico de suas produções.

Para melhor compreensão nesta questão técnica x linguagem (figura 14) foi proposta a realização de dois modelos, sem aprofundamento entorno da linguagem, o *tsuru* (garça) na (figura 15) e o peixe.

Figura 13 - Transcorrer da Oficina - 2013



Fonte: Da autora pesquisadora.

Figura 14 – Detalhe – 2013.



Fonte: Da autora pesquisadora

Os acadêmicos notaram as dificuldades de fazê-los, por mais divertido que fosse ver o resultado, pude perceber que para eles foi difícil alcançar o resultado final. O *tsuru* é uma DOBRAdura mais complexa, mas notou-se o esforço e a concentração dos acadêmicos para finalizá-lo, interagindo como uma sala de educação básica, uns auxiliavam os outros, para que no geral chegássemos ao objetivo de terminá-los. Durante a oficina ouvi questionamentos:

Acadêmico 1: *Nossa muito legal, mas será que os alunos conseguem fazer?*

Acadêmico 9: *E agora como levar para sala de aula?*

Como a proposta da oficina primeiramente era a vivência técnica, não pude responder os questionamentos para não perder o caráter da proposta.

Dando continuidade finalizaram as DOBRAduras e iniciei a oficina mostrando a possibilidade do Origami como linguagem.

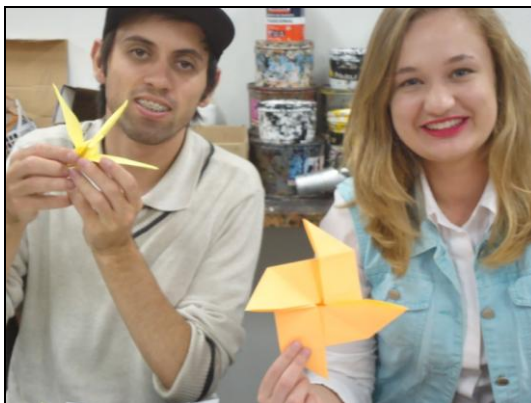
Mostrando-lhes o vídeo<sup>19</sup> da artista fazendo intervenções nas ruas, e disse que ensinaria um dos origamis mais utilizados pela mesma, foi quando apresentei o cata-vento, e os acadêmicos começaram a percebê-lo na obra de Mademoiselle Maurice, então os estimei a fazer mais de um, os acadêmicos estavam divertindo-se.

Figura 15 - Acadêmicos durante oficina, em 20 de outubro de 2013



Fonte: Da autora pesquisadora

Figura 17 - Acadêmicos durante a oficina 2013



Fonte: Da autora pesquisadora

<sup>19</sup>VIDEO Mademoiselle Maurice. Disponível em: <<http://vimeo.com/42825583>>. acesso em: 24 out 2013 - Montagem de intervenção urbana

Ao final da oficina chamei os acadêmicos que realizaram os cata-ventos a fazerem uma intervenção no corredor do Bloco Z, trazendo o Origami como linguagem, entreguei fita dupla face, e propus aos mesmos criarem uma instalação com as DOBRADURAS na parede, ao lado da sala 05 que possui um espaço de parede na cor cinza.

Era notória a animação da turma com a montagem e vendo seus origamis colados na parede, muitas fotos e comentários:

Acadêmico 1: *Nossa obra ficou linda, rica em cores.*

Acadêmico 8: *Nossa ficou muito show, nunca imaginei que o origami podia ser assim, arte.*

Acadêmico 10: *Bah, estou aqui olhando e acredito que meus alunos vão pirar nessa idéia.*

Acadêmico 1: *Você vai voltar nos ensinar mais? Adorei, Obrigada mesmo pela aula, professora.*

Figura 18 - Intervenção com origamis feita pelos Acadêmicos no bloco Z da UNESC - 2013



Fonte: Da autora pesquisadora

Pelas falas dos participantes desta oficina, alguns atuantes e outros futuros professores nota-se que a técnica do origami é realmente pouco conhecida, o medo e o pensamento que é algo difícil afastam muitos dos educadores. Tenho o entendimento que os professores que estavam na oficina, não aplicavam em sala de aula realmente pela falta de conhecimento, e ao entenderem que o Origami pode

tornar-se uma linguagem sentiram-se mais seguros, assim como os demais acadêmicos para aplicar com seus alunos.

## 8. PROJETO DE CURSO

**Projeto:** DesDOBRANDOo origami como Linguagem dentro da Arte em sala de aula

### **Introdução/Justificativa:**

Após pesquisa entorno desta técnica, percebi a falta de conhecimento que muitos tem sobre a mesma. Dessa forma, com entendido que os professores tem dificuldade em propora técnica como linguagem de arte no cotidiano escolar, venho através deste projeto propor uma formação continuada a ser aplicado com os professores de artes do município de Criciúma, não delimitando em qual série ou local de trabalho.

**Área Temática:** Origami, linguagem, arte.

**Classificação de Curso:** Aperfeiçoamento

**Linha de extensão:** Educação e Arte

### **Objetivo geral:**

Evidenciar que o origami além de uma técnica pode ser utilizado em sala de aula como linguagem artística.

### **Objetivos específicos:**

\*Proporcionar aos participantes conhecimento técnico e teórico sobre Origami

\*Estimular o uso do origami como linguagem em sala de aula

\*Apresentar artistas que o utilizam o mesmo como parte de suas obras

**Proposta Carga horária:** 20 h/a – teóricas: 10h/a - práticas: 10h/a

**Ementa:** O origami como dobradura, linguagem, arte, ampliação de repertório artístico cultural

### **Metodologia:**

No primeiro momento será oferecido aos participantes uma palestra, com um origamista convidado para falar da vivência técnica e benefícios que o origami traz aos que o fazem. Havendo momentos para reflexões e debates entorno da técnica. Tendo duração de 4h/a.

No segundo encontro, ocorrerá uma oficina na qual os participantes terão acesso a diagramas e direcionamento para fazerem algumas dobraduras, que a palestrante do dia anterior propôs no decorrer do debate. 4h/a

No terceiro encontro será organizada uma mesa de palestrantes com artistas locais que se utilizem da técnica como linguagem e será convidada a professora Dr<sup>a</sup> Miriam Celeste Martins, que defende as questões sobre linguagem. No decorrer do encontro será proporcionado aos participantes a possibilidade de juntos chegarem ao entendimento que a técnica do origami pode ser utilizado em sala nas aulas de artes como possibilidade de linguagem. Ao fim da palestra ocorrerá um momento de socialização e reflexões sobre o encontro. 4h/a

No quarto encontro irão participar de uma oficina com um artista da que proporcionará aos mesmos uma vivência da técnica como linguagem. Irão juntos construir possibilidades de instalações com origamis de maneira que o mesmo ocupe espaços informais e converse com ambiente no qual esta sendo colocado.

No quinto e último encontro irão fazer uma mesa redonda de debates com os palestrantes dos dias anteriores e juntos construirão possíveis propostas da utilização do origami em sala, no qual irão construir planos de aulas e vivências em pequenos grupos e apresentarão aos demais como socialização. 4h/a

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois deste devaneio sobre a história do Origami, onde *tsurus* norteiam nosso voo, chegamos às considerações finais.

Entendendo que a linguagem é nossa maneira de se comunicar com mundo de forma não somente escrita e oral, conquistamos juntos o entendimento no qual pode-se afirmar que a forma significativa de desDOBRAR muitas vezes nossos sentimentos é por intermédio da linguagem da ARTE, na qual por diversos caminhos conseguimos o espaço necessário para fruir e se expressar.

No decorrer desse trabalho encontramos definições da arte, arte contemporânea, para assim conseguir chegarmos a um conceito breve do Origami, que ainda muitas vezes gera questionamentos onde enquadrá-lo como técnica ou linguagem.

Após a pesquisa nos espaços de narrativa por meio de uma oficina intitulada “ReDOBRANDO o origami na Arte e na Escola”, pude então compreender que o modo no qual é utilizado o processo criativo em sala de aula desta técnica pode oferecer uma ressignificação. Nas falas durante a oficina percebemos que os acadêmicos participantes mudaram de opinião, ao pensar o Origami como linguagem conhecendo as instalações de Mademoiselle Maurice refletindo assim nessa pesquisa, que se o professor souber construir no processo de aprendizagem e a curiosidade pelo Origami, dentro da contemporaneidade pode-se alcançar resultados significativos na construção de um educando como sujeito produtor de cultura.

Como Martins (1998) traz em diversos trechos de seus livros que o artista ao se apropriar da técnica a transforma em linguagem artística, e como Cocchiarale (2006) também afirma que a arte contemporânea sai do convencional e ganha assim espaços e maneiras que não pertenciam a mesma anteriormente, nos deparamos com Lygia Clark que DOBRAVA seus “Bichos” em um infinito particular no qual juntos também poderíamos DOBRAR e assim sentir o fluir da arte.

Num desDOBRE de tempo Mademoiselle Maurice com sua profusão de cores e propostas de instalação nos leva a um fruir no qual o Origami e sua instalação pode trazer a arte para fora dos espaços formais e assim conviver com o espectador diretamente, uma linguagem artística por intermédio da técnica do Origami.



Muitos professores nesse processo em sala de aula, não trabalham essa possibilidade por não conhecê-la, dessa forma não somente o Origami como diversas outras são deixadas de fora do contexto escolar.

Essas são fragilidades que muitos de nós, futuros professores de arte encontramos em nosso caminho, buscar o conhecimento e aprofundar é uma necessidade na qual não somente se necessita em relação ao Origami, romper paradigmas e assim construir junto ao educando diversas linguagens dentro da arte, possibilitando ao mesmo o acesso de forma pura e contemporânea, na qual eles vivenciem o processo e aprendam com o mesmo.

Atrevo-me a finalizar estas inquietações nesse trabalho de conclusão de curso pensando o desDOBRAMENTO dos meus conceitos pessoais nos quais o origami pensado dentro da linguagem da arte em sala de aula, pode sim ser veículo de novas propostas, se tornando parte da linguagem.

Como no início deste trabalho solicitei que juntos DOBRÁSsemos conceitos pré-estabelecidos em torno do origami, no final peço que juntos desDObremos novos conceitos que agora agregamos a nosso universo particular.

Dessa maneira fecho e DOBRO que os professores podem desDOBRAR essa técnica e DOBRAR junto com os educandos o poder de quebrar paradigmas na arte, propondo novos desDOBRAMENTOS.

## REFERÊNCIAS

ASCHENBACH, Lena. **A Arte-magia das Dobraduras**: Histórias e atividades pedagógicas do Origami. São Paulo: Scipione, 1992.

BARBOSA. Ana Mae (Org.). **Arte:Educação Contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL.**Ensino fundamental de nove anos**: Orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE Estação Gráfica, 2006.

BRILL, Alice. **Da arte e da linguagem**. São Paulo.Perspectiva, 1988.

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CHILVES, Ian. **Dicionário Oxford de Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Editora Massangana, 2006.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

COSTA, Cristina. **Questões de arte**: Belo, a percepção estética e o fazer artístico. São Paulo: Moderna, 2004.

DIAGRAMA Tsuru. Disponível em: <<http://botegacriativa.blogspot.com.br/2008/01/como-fazer-o-origami-tsuru.html>>. Acesso em: 20 out. 2013

DIAGRAMA peixe. Disponível em: <<http://okirigami.blogspot.com.br/2011/04/diagramas-de-origamis.html>>. Acesso em: 20 out. 2013.

DIAGRAMA cata-vento. Disponível em: [http://www.benchickusudama.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html](http://www.benchickusudama.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html) acesso em 28 out. 2013.

FEIST, Hildegard. **Pequena viagem pelo mundo da arte** . São Paulo: Moderna, 2003.

FIGUEREDO, Lysianne Louise Autran Lourenço de. **O ORIGAMI COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL TERAPÊUTICA** . 2007 Disponível em [www.avm.edu.br/monopdf/2/LYSIANNE LOUISE AUTRAN LOURENÇO DE FIGUEIREDO.pdf](http://www.avm.edu.br/monopdf/2/LYSIANNE%20LOUISE%20AUTRAN%20LOURENÇO%20DE%20FIGUEIREDO.pdf) acesso em 24 out 2013.

FILHO, Duílio Battistoni. **Pequena história das artes no Brasil**. Campinas: Átomo, 2005.

FRITZEN, Celdon. MOREIRA, Janine. **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas: Papirus, 2008.

GENOVA, Carlos. **ORIGAMI: a milenar arte das dobraduras**. São Paulo: Escrituras, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

IMAGEM Escultura Lygia Clark . Bicho de Bolso. Disponível em: <<http://gaarq.blogspot.com.br/2012/08/carta-de-lygia-clark.html>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

IMAGEM Escultura Lygia Clark. Disponível em: <<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=L&cd=2425>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

IMAGEM Estátua Sadako. Disponível em: <<http://www.molon.de/galleries/Japan/Hiroshima/Peace/img.php?pic=16>>. Acesso em: 28 out. 2013.

Imagem ORIGAMI. Disponível em: <[http://www.flickr.com/photos/celso\\_teixeira/3408734459/](http://www.flickr.com/photos/celso_teixeira/3408734459/)>. Acesso em: 25 out. 2013.

IMAGENS Sadako Disponível em: <<http://mayashope.org/2012/07/24/sadako-and-the-1000-paper-cranes/>>. Acesso em: 28 out. 2013.

JUSSARA DE BARROS. **Origami na Sala de Aula**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/origami-na-sala-aula.htm>>. Acesso em: 21 out. 2013.

LAMAS, Nadja de Carvalho. **Arte contemporânea em questão**. Joinville. Univille, 2007.

LENDA de Sadako Sasaki. Disponível em: <<http://www.lendashistoriasemais.wordpress.com/2010/06/18/a-lenda-de-sadako-sasaki>>. Acesso em: 20 out. 2013.

MADEMOISELLE Maurice. Disponível em: <<http://www.mademoisellemaurice.com>>. Acesso em: 10 set. 2013.

MARTINS, Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino da Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MAURICE, Mademoiselle. **Origami Linguagem**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <Paula Behs>. em: 02 out. 2013.

MILLIET, Maria Alice. **Lygia Clark: Obra-trajeto**. São Paulo. Edusp, 1992.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho, MAKOWIECKY, Sandra, e. (Orgs). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008.

PEREIRA, Kátia Helena. **Como usar artes visuais em sala de aula**. – São Paulo: Contexto, 2007.

READ, Helbert. **Arte alienação – O papel dos artistas na sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar editores AS, 1983.

ROSENTHAL, Maria Cristina Blanco. DALIA, Maria Christina de Souza Lima Rizzi. **A reflexão da prática no ensino- Artes**. São Paulo, Editora Blucher, 2013.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Educação, arte e jogo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, André Almeida da et al. O **ORIGAMI COMO UM ESTÍMULO A CRIATIVIDADE DAS CRIANÇAS DAS SÉRIES INICIAIS**. In: JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX, 10., 2010, Recife. **Artigo**. Recife- Pe: URFPE, 2010. p. 01 - 03. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Arte/artigos/origami\\_criativid.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/artigos/origami_criativid.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2013.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES. Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Karina Milanez Barbosa da. **A contribuição do trabalho com dobraduras de papel (origami) para o desenvolvimento do aluno do Ensino Fundamental**. 2004. Disponível em: <<http://www.ferrazorigami.com.br/?q=node/15>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

SOUSA FILHO, Aderaldo Ferreira de. A menor distância entre dois pontos...”: sobre o conceito de dobra enquanto componente da visão de mundo e da técnica de escrita em Maria Gabriela Llansol. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. , p.21-30, 03 nov. 2009. Disponível em: <[http://www.uff.br/revistaabril/revista-03/002\\_aderaldo%20ferreira.pdf](http://www.uff.br/revistaabril/revista-03/002_aderaldo%20ferreira.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2013.

VIDEO Mademoiselle Maurice. Disponível em: <<http://vimeo.com/42825583>>. Acesso em: 24 out 2013.

**APÉNDICE(S)**

**APÊNDICE- A****AUTORIZAÇÃO – PESQUISA COM ACADÊMICOS 4ª FASE ARTES VISUAIS**

Eu,

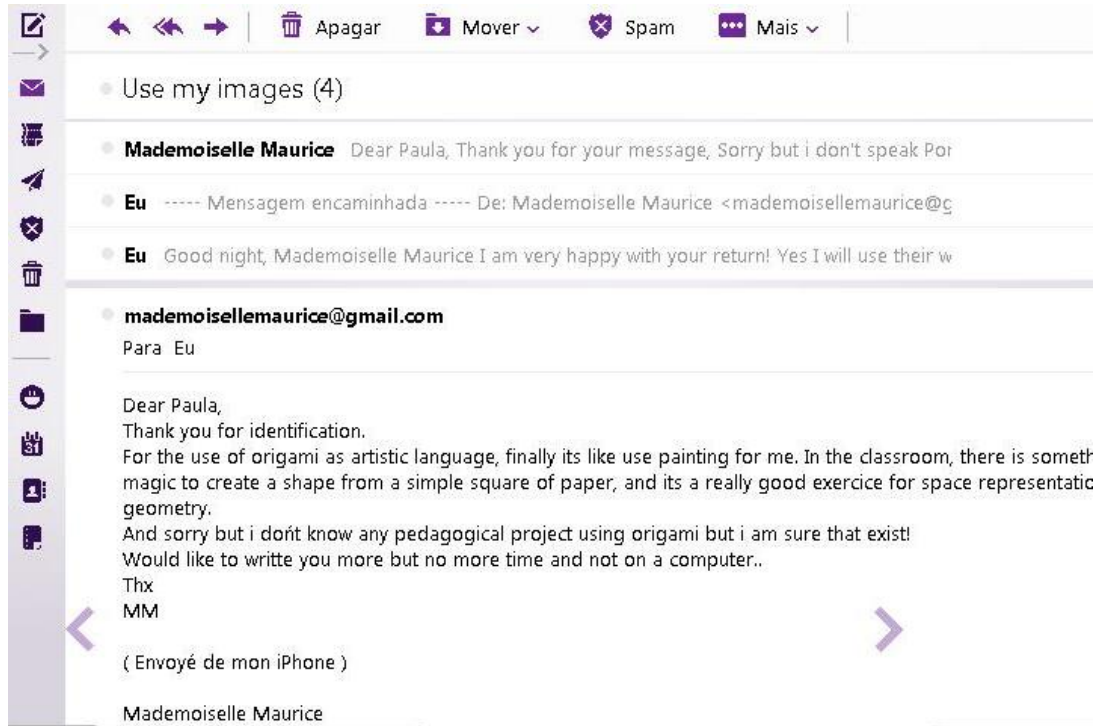
\_\_\_\_\_ porta  
dor do RG \_\_\_\_\_ (numero da identidade) autorizo a utilização de  
minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos são  
utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de **Paula Carolina Behs**  
acadêmica da 8ª Fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como  
objetivo por intermédio de pesquisa de espaços de Narrativas, uma oficina na qual  
serão coletados dados sobre o conhecimento dos participantes sobre a técnica do  
Origami.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Criciúma, 24 de Outubro de 2013

## APÊNDICE- B

### EMAIL – MADEMOISELLE MAURICE



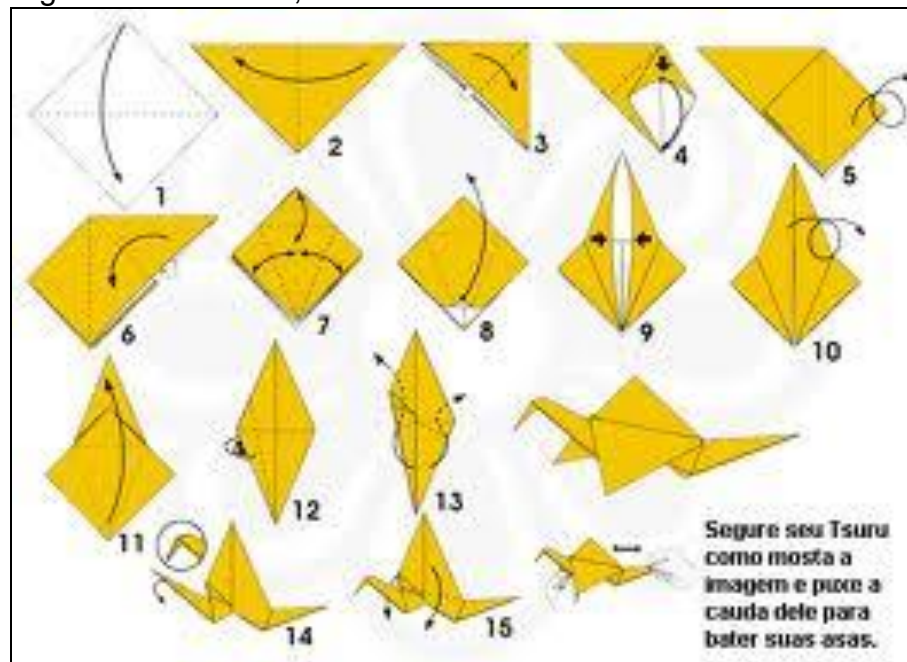
**ANEXO(S)**



## ANEXO A

DIAGRAMAS DOBRADURAS FEITAS NA OFICINA COM ACADÊMICOS 4ª FASE  
ARTES VISUAIS

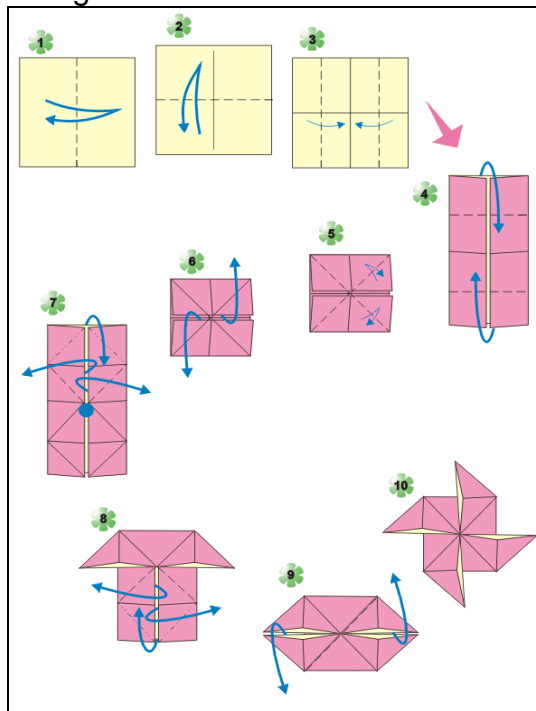
Figura 16 – TSURU, 2013.



Fonte: <<http://botegacriativa.blogspot.com.br/2008/01/como-fazer-o-origami-tsuru.html>>.

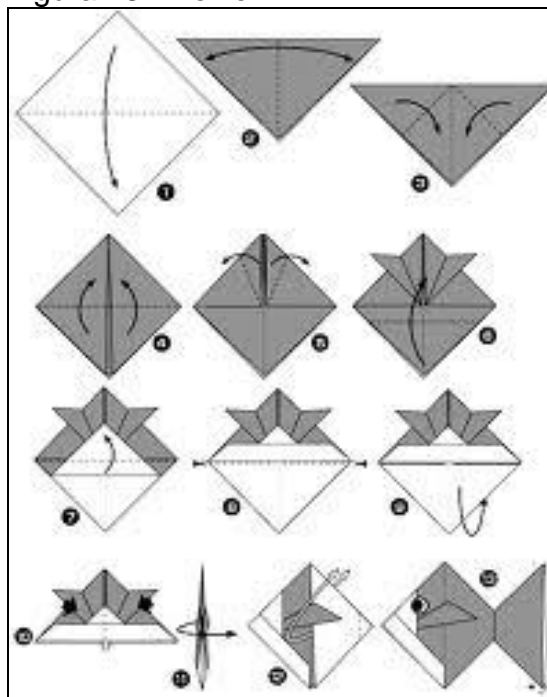
## ANEXO A

Figura 17 - Cata-Vento



Fonte: [www.benchickusudama.Blogspot.Com.Br/2010\\_10\\_01\\_Archive.Html](http://www.benchickusudama.Blogspot.Com.Br/2010_10_01_Archive.Html)

Figura 18 - Peixe



Fonte: <http://okirigami.blogspot.com.br/2011/04/diagramas-de-origamis.html>